

22 NOV 1984

Só há derrotados

Edwards

EDGAR FLEXA RIBEIRO

Mais aula é sempre melhor do que menos aula. Podem várias circunstâncias podem determinar a interrupção de um ano letivo: greve de professores é uma delas.

Aulas perdidas podem ser repostas, assim como objetivos pedagógicos que deveriam ser atingidos em um período determinado podem ser redistribuídos em períodos futuros. Há como reparar os prejuízos sofridos — mas só em parte. Uma greve de professores coloca problemas muito mais graves do que a reposição de aulas, e acarreta prejuízos de reparação muito mais complexa.

Evidentemente não foi nos serviços públicos, tendo o contribuinte como prejudicado, que nasceu a greve como instrumento do trabalho frente ao capital. A greve é a cessação do lucro, tendo o tempo como aliado: o que não se produziu durante a paralisação não será produzido nunca mais. É lucro que deixou de existir, é capital que não rendeu.

De forma geral, esse fenômeno não ocorre na área da Educação. Além do desconforto, dos problemas mais imediatos, o que deixou de ser produzido hoje será produzido amanhã. De certa forma, sempre haverá reposição, embora também sempre haja

tempo perdido. O problema é que a vítima do processo é o aluno — a parte mais inocente, imolada por profissionais formados para defendê-la. Há um nítido problema de ética profissional que a justiça do pleiteado não resolve, e que a procedência das queixas não acalma.

No fundo, as greves do magistério têm esse componente contraditório: a categoria cruza os braços, ao mesmo tempo em que fala mal da qualidade do que produz com o seu trabalho. E a perplexidade e a falta de perspectivas levadas ao extremo.

Quando tudo isso se junta, como aconteceu recentemente, sobre essa tão maltratada escola oficial, o movimento assume aspectos que são quase — por que não usar a palavra? — impatrióticos. Não se está percebendo que aulas se repõem, dificuldades se vencem, mas a escola oficial como instituição confiável se debilita de forma inaceitável para um país que quer conquistar a democracia? Isso não se repõe e só dificilmente se repara: o descrédito, a desmoralização, a decadência da escola oficial. Mais ainda: se os que nela trabalham tratam-na assim, a quem recorrer para que a escola oficial se expanda e melhore?

Que depoimento profundo é dado perante o conjunto da sociedade, se não o de que o próprio magistério oficial não compreende a parte do problema que está além do seu in-

teresse corporativo, e se expõe impotente para colaborar na solução? É claro que o magistério tem queixas que são justas e procedentes. Não se discute isso. Mas o instrumento que escolheu, ou que foi levado a escolher, é impróprio e contraproducente. Tem conseqüências perversas que não podem ser descartadas como imprevisíveis.

O Brasil precisa de educação, e de uma escola oficial abundante e de boa qualidade. A educação precisa mais: precisa se qualificar perante a sociedade e perante os indivíduos como instrumento útil na consecussão dos seus projetos coletivos e pessoais. A valorização dos profissionais que a ela se dedicam não vem pela greve: vem pela demonstração incontestável de que eles se levam a sério, e levam a sério a atividade a que se dedicam.

O atendimento de reivindicações episódicas, logo contornado adiante, não dará a esse movimento uma vitória. Greve na educação só gera derrotados.

Não podemos nos dar ao luxo de conviver com uma escola oficial derrotada, nem com um sistema de ensino desacreditado. Ou os profissionais se organizam em sintonia com o País ou o País passará por cima deles.

Edgar Flexa Ribeiro é professor, membro do Conselho Estadual de Educação e Diretor do Colégio Andrews.